



RESENHA

ALBUQUERQUE, Davi & COUTO, Elza do (orgs.). *Linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica: Teoria e aplicações*. Brasília: Thesaurus, 2015, 222p.

Zilda Dourado Pinheiro (UEG)

A presente obra é mais um resultado do trabalho teórico intenso desenvolvido pelo NELIM (Núcleo de estudos de ecolinguística e imaginário) da Universidade Federal de Goiás, em colaboração com a Universidade de Brasília que, juntas, constituem a Escola de Ecolinguística Brasília. Com o objetivo de ampliar os estudos da linguagem, esses dois grupos de pesquisa têm promovido encontros para reunir pesquisadores do Brasil e do exterior a fim de promover discussões teóricas acerca de uma abordagem ecológica da linguagem, isto é, a Ecolinguística. O último deles foi o II Encontro Brasileiro de Ecolinguística, na Faculdade de Letras da UFG, nos 18, 19 e 21 de novembro de 2014. O presente livro é em grande parte a reunião das comunicações orais apresentadas nesse evento.

A Ecolinguística nasce de um diálogo entre os estudos da linguagem com os estudos da Ecologia, pois considera as relações entre a língua e o meio ambiente. Assim, ela é o estudo das interações linguísticas em uma abordagem ecológica sobre a língua. Para essa teoria, a língua é considerada como uma interação entre um povo em um território, delineando assim, o seu próprio ecossistema, o ecossistema fundamental da língua (EFL), renomeado como ecossistema integral da língua.

A Ecolinguística praticada no Brasil é conhecida como Linguística Ecossistêmica. Para essa abordagem dos fenômenos da linguagem, a interação linguística é complexa, pois depende do conhecimento linguístico das pessoas e de elas conviverem em um território enquanto grupo social falante da língua. Por isso, o EFL pode decompor-se em outros três ecossistemas, igualmente determinantes para a interação linguística: o social, o mental e o natural. Portanto, um estudo ecolinguístico da língua tem como objetivo estudar a interação linguística pela integração desses três ecossistemas. Dessa maneira, a

Linguística Ecolinguística propõe uma visão holística da língua, considerando-a como um todo interacional pertencente à vida humana. O II Encontro Brasileiro de Ecolinguística propôs intensificar essas discussões sobre o Ecossistema Fundamental da Língua e todas as suas imbricações para o estudo das interações linguísticas.

Além da Introdução, assinada pelos organizadores, o livro contém 17 ensaios. Os textos “Do vaivem passando Entre rios até Ipameri (GO): considerações acerca da mudança toponímica”, de Kênia Mara de Freitas Siqueira, e “O homem, o lugar e a língua: uma investigação da influência antroponímica na toponímia maranhense”, de Maria Célia Dias de Castro, teorizam sobre a toponímia segundo a perspectiva da Linguística Ecolinguística. Os dois trabalhos evidenciam o modo como o léxico de uma língua está determinado pelas relações do povo com o meio ambiente natural. Os topônimos podem ser considerados como uma forte evidência da apropriação do espaço natural por parte do ser humano. Eles interferem no ecossistema fundamental da língua e, ao mesmo tempo, são delineados por essas interações linguísticas entre os falantes em um território.

Os textos “O contato de língua nos Timor Leste: uma ecologia linguística complexa”, de Helem Andressa de Oliveira Fogaça & Jessé Silveira Fogaça, e “O estudo do contato de línguas e a Ecolinguística”, de Davi Borges de Albuquerque, apresentam o modo como os conflitos sociais do Timor-Leste ameaçam a diversidade linguística daquele país. Fundamentados pela Linguística Ecolinguística, apresentam uma metodologia de análise que evidencia como o estabelecimento das duas línguas oficiais, o tétum e o português, ameaçam a existência, das línguas maternas dos demais grupos sociais daquele país.

Os capítulos “Entre o Vale e o Amanhecer: comunidade de fala para a Ecolinguística”, de Genis Frederico Schmaltz Neto, e “Tambori pra canoa é brinco: breve abordagem sobre o conhecimento etnobotânico kalunga”, de Gilberto Paulino de Araújo, debruçam-se sobre um conceito importante para a Linguística Ecolinguística, a comunidade de fala. A comunidade de fala é um grupo de pessoas que se agrupam em um território específico e nele interagem verbalmente no dia a dia. O primeiro trabalho demonstra como o Vale do Amanhecer, um grupo espiritualista de sincretismo religioso, pode ser considerado uma comunidade de fala. O segundo trabalho, ao considerar a comunidade Kalunga como uma comunidade de fala, estuda o seu conhecimento etnobotânico, e evidencia o modo como o contato com a natureza amplia o léxico direcionado à fauna. Esse conhecimento representa a identidade da comunidade de fala em interação com o seu território.

Os capítulos “A folia da roça da região da Formosa”, de João Avelar Nunes Filho, e “O discurso “fragmentado” dos meninos de rua e da linguagem rural”, de Elza do Couto e Hildo do Couto, analisam as interações linguísticas segundo a ecologia da interação comunicativa. O primeiro trabalho analisa as falas da folia da roça e evidencia o quanto as interações linguísticas dessa prática religiosa são harmoniosas e biocêntricas. O segundo trabalho defende uma nova visão da língua. A língua é comunicação e expressão do pensamento por meio dos atos de interação comunicativa. Desse modo, as falas características dos meninos de rua e da linguagem rural são atos de interação comunicativa que sobrepõem as regras interacionais da comunicação às regras sistêmicas da língua. A propósito, é nesse ensaio que foram propostas pela primeira vez as ‘regras interacionais’, que incluem as ‘regras sistêmicas’. Elas existem para garantir a eficácia da interação comunicativa.

Todos os trabalhos citados até aqui teorizam e aplicam a Linguística Ecolinguística em seus objetos de estudo. Contudo, o II EBE demonstrou que a Ecolinguística é multidisciplinar e dialoga com diferentes vertentes da Linguística. Dessa maneira, qualquer fenômeno da linguagem pode ser estudado de uma perspectiva ecolinguística.

Os textos “Relações entre o Funcionalismo e a Ecolinguística”, de Leosmar Aparecido da Silva, e “A perspectiva ecolinguística dos gêneros do discurso: estruturas ideológicas e suas interrelações”, de Elza do Couto e Samuel Souza e Silva, demonstram o modo como a Linguística Ecolinguística pode dialogar com outras linhas de pesquisa da Linguística para estudar os fenômenos da linguagem.

O artigo “Relações entre o Funcionalismo e a Ecolinguística” destaca que tanto o Funcionalismo quanto a Ecolinguística acatam concepção de que língua é interação. Essas teorias vão além. Partindo das relações entre o ambiente físico e a língua, essas duas abordagens teorizaram sobre os processos de conceptualização, iconicidade e extensão metafórica. Esse diálogo é importante porque a convergência de duas visões para a interação promove a visão holística da linguagem, tão cara à Linguística Ecolinguística. O artigo “A perspectiva Ecolinguística dos gêneros do discurso: estruturas ideológicas e suas inter-relações” faz uma breve revisão teórica sobre os estudos dos gêneros do discurso. O trabalho busca desconstruir a ideologia como determinante para a divisão social entre os gêneros discursivos formais e informais.

O ensaio “O militar e a educação: uma análise imagético-social”, de Alexia Maria Cardoso, analisa as propagandas do Colégio Militar na periferia da cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás. Direciona o estudo da interação linguística para uma proposta de Análise do Discurso Ecológica e a dialoga com a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand. Com essa interconexão teórica, a autora demonstra como a falta de assistência social na periferia possibilita a efetivação de um discurso de autoridade figurada pelo comandante militar como um redentor dos indivíduos excluídos socialmente.

No todo do livro, alguns textos demonstram um alargamento dos estudos da Linguística Ecológica para a Análise do Discurso Ecológica. O objetivo é o de direcionar a ecologia da língua para os estudos do texto e do discurso.

A Análise do Discurso Ecológica segue os postulados da Ecolinguística e os direciona para o discurso pelo estudo dos textos. É uma disciplina cuja principal tônica é a defesa da ideologia e da vida, de modo a prescrever, por meio de suas análises, atitudes de combate ao sofrimento humano e à destruição da natureza. Em diálogo com o Taoísmo e com a Análise do Discurso Positiva, a ADE aponta um conflito ideológico para a prescrição de uma postura que defenda a vida e combata a visão de mundo antropocêntrica e capitalista. Esse caminho da Linguística Ecológica para a Análise do Discurso Ecológico está evidenciado em diferentes ensaios do livro.

O capítulo A construção do feminino em enunciados de O Boticário, de Alita Carvalho Miranda Paraguassú, faz uma análise ecológica da propaganda do ‘O Boticário’, demonstrando o modo como ela dita o padrão eurocêntrico de feminilidade para a mulher brasileira. Além disso, a análise evidenciou como a propaganda feriu o princípio da diversidade ecológica, do reconhecimento das diferenças como imprescindíveis para a existência dos seres vivos, o que representa um grande problema de representatividade da mulher brasileira na grande mídia.

O ensaio “O conceito jurídico de sustentabilidade: perspectivas da Análise do discurso ecológica”, de Heloanny de Freitas Brandão, toma o conceito de sustentabilidade como objeto de estudo. Tendo como corpus textos do direito ambiental, a autora denuncia a visão antropocêntrica do ser humano em sua relação com a natureza. Desse modo, o direito ambiental e o seu conceito de sustentabilidade defendem o meio ambiente como um objeto de uso humano que deve ser preservado para garantir a longevidade da exploração capitalista. Não há alusão à defesa da vida humana nem à da fauna e da flora.

O capítulo “Análise ecológica da comunicação e da mídia: a força da comunicação na sociedade midiaticizada”, de Lutiana Casaroli, analisa as noções de comunhão, comunicabilidade e mídia, segundo a ADE. A grande mídia promove a comunhão entre as pessoas pelo exercício de uma comunicabilidade prescritiva das interações sociais. Pela comunicabilidade, a mídia forma uma sociedade midiaticizada, contudo essas interações estão baseadas numa visão individualista, pois as formas de sociabilidade não estão a favor da harmonia entre os seres humanos e desses com a natureza. O trabalho propõe uma mudança nessas formas de sociabilidade. Elas deveriam ser em defesa da vida humana em harmonia com a natureza.

O capítulo “Discurso verde na mídia”, de Ricardo Sena Coutinho, junta a Análise do Discurso Ecológica com a mitologia do Roland Barthes. A partir da análise de uma peça publicitária de pneus, o trabalho demonstra a existência de um mito verde no mercado publicitário, uma tentativa de aproximar a necessidade do mercado com o discurso de defesa do meio ambiente. No entanto, a análise da propaganda demonstra que nem todo discurso ecológico visa apenas à conscientização da sociedade, ele também pode servir à ideologia do capitalista e propagar-se nos objetos de cultura de massa.

Por fim, o livro encerra-se com o trabalho ‘Vida mundo’ de Carmo Bernardes à luz da Análise do discurso ecológica, de Margareth de Lourdes Oliveira Nunes. A autora divulga o escritor goiano Carmo Bernardes. Em toda a extensão de sua literatura, ele apresenta um ideal de natureza como um ambiente exótico, cheio de aventuras e surpresas. É essa representação do meio ambiente que a autora analisa em relação à defesa da ideologia da vida.

Os ensaios que compõem o Linguística ecossistêmica e Análise do discurso ecológica são fruto das intensas discussões teóricas do II Encontro Brasileiro de Ecolinguística, realizado em novembro de 2014, em Goiânia. Todos os estudos mostram que essas linhas de pesquisa estão em desenvolvimento. Eles podem levar a mais teorizações e aplicações para fazer a Linguística Ecossistêmica e a Análise do Discurso Ecológica progredirem no ambiente acadêmico brasileiro. Nesse contexto, a grande inovação desses trabalhos, em conjunto, é a de direcionar uma postura consciente sobre as relações do homem com o seu meio ambiente para os estudos da linguagem, pois as línguas são uma das interações humanas com o mundo. Elas refletem a visão antropocêntrica da natureza. Por meio delas,

ECO-REBEL

o ser humano pode promover uma mudança a fim de defender a preservação da vida em todas as suas manifestações

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 1, n. 2, 2015.